Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/memoriahistorica00cast_2

MOSTEIRO DA PENA EM CINTRA.

Then slowly climb the many winding way,
And frequent turn to linger as you go,
From loftier rocks new loveliness survey,
And rest ye at „ Our Lady's house of woe „

Lord Byron's. Child Harold. Pilgri. Cant. 1º Est. XX.

MEMORIA HISTORICA

SOBRE

A ORIGEM DA FUNDAÇÃO DO REAL MOSTEIRO

DE

N. S. DA PENA,

QUE PERTENCEU AOS MONGES DA ORDEM DE S. JERONIMO;

ACTUALMENTE PALACIO ACASTELLADO,

Situado na Serra de Cintra.

ESCRIPTA, E DEDICADA AO SENHOR

D. FERNANDO AUGUSTO FRANCISCO ANTONIO,

Rei de Portugal, o 2.º do Nome, e Duque de Saxonia Coburgo Gotha, Grão-Cruz das Ordens Militares do Reino, da do Tusão de Ouro em Hespanha, e da do Cruzeiro no Imperio do Brasil.

PELO ABBADE

A. D. de Castro e Sousa,

Academico Honorario da Academia das Bellas Artes, e Membro Effectivo do Conservatorio Real de Lisboa, &c. &c.

1841.

LISBOA: TYPOGRAFIA DE A. J. C. DA CRUZ.

Rua de S. José n.º 140.

Se um estranho á terra vem,
Dizeis todos em geral:
Nunca aqui chegou ninguem;
E do vosso natural
Nada vos parece bem.

SIMÃO MACHADO, na sua Comedia da pastora Alfea, pag. 72.

Este Edificio Real, cuja memoria
Na fama estava quasi amortecida,
Cobrando novo ser, e melhor vida
Hoje torna á luz nesta Historia.

Do A.

SENHOR

Se as oblações litterarias devessem estar sempre em harmonia com a grandeza dos Mecenas a quem se dedicão, de certo que nunca teria apparecido uma desproporção de igual natureza, como a que se encontra entre a Augusta Pessoa de Vossa Magestade e a limitadissima, e em tudo pequena, Obra que me atrevo a dedicar com o Nome de Vossa Magestade, a quem tenho a honra de a offerecer.

O desejo que Vossa Magestade manifesta de vêr florescer e prosperar as Bellas Artes, a reedificação a que está fazendo proceder em um logar tão pittoresco, tão notavel para os que possuem algum conhecimento da historia patria pela recordação de particularidades, que têem relação com as epochas gloriosas desta Monarchia, e não a grandeza do assumpto, e menos a persuasão do merecimento desta Memoria Historica, pelo que me diz respeito, me induzi-

ção a escrever estas poucas linhas sobre a origem da fundação do Real Mosteiro de Nossa Senhora de Pena, actualmente Palacio acastellado, situado na Serra de Cintra, sitio que effectivamente está merecendo a attenção de Vossa Magestade.

Eis-aqui, Senhor, os motivos, que me estimulárão para escrever o respeitavel Nome de Vossa Magestade neste Opusculo; que espero seja agradavel aos olhos de Vossa Magestade; e que igualmente se digne acceitar com a sua natural affabilidade, e acolhimento com que me tem honrado, este fraco tributo de dedicação e respeito de quem se preza ser

De Vossa Magestade

subdito o mais reverente

A. D. de Castro e Souza.

PROLOGO.

1.º *Os monumentos, cuja ancianidade está ligada a epochas gloriosas, ou a quaesquer acontecimentos interessantes da Historia, não só deleitão a vista, mas ainda gerão no animo doces e graves considerações. Taes movimentos experimentava o grande e singular conquistador Alexandre, quando, ao examinar as ruinas da desditoza Troia (*), revolvia na memoria os heroicos feitos praticados na profiada guerra que reduzíra a cinzas aquella soberba Capital, hoje planicie abandonada, e outr'ora tão illustrada pelos cantos do Poeta Grego Homero, e do Principe dos Poetas Latinos P. Virgilio Maron.*

Aonde esteve Troia? onde os Troianos?
Onde as fortes muralhas? onde as Torres?
Quasi tudo acabou, como se nunca
No mundo houvesse Troia, nem Troianos (†)!

(*) Fundada por Dardano, no anno do Mundo 2524, na Asia menor e Costa do mar Egêo, a que hoje chamão Hellesponto, ou Estreito dos Dardanellos. Do seu 3.º Rei Troes, tomou depois o nome a Cidade e o Reino, que tudo até então se denominava Dardania. O 5.º Rei Laomedonte edificou os muros de Troia com os thesouros de Neptuno, e de Apollo. Foi destruida pelos Gregos no anno 2820, capitaneados por Agamemnom, Rei de Mycenas.

(†) Priamo, Tragedia, Acto 4.º, Scena 6.ª Por Henrique José de Castro, Bacharel em Theologia pela Universidade de Coimbra. Anno de 1786.

2.º *O historiador que quizer fallar, com exacção, de antiguidades, deve investigar attentamente as preciosas reliquias dos seus monumentos, a historia, e interrogar os seculos, e gerações que se teem succedido sobre a terra; pois se averiguão com similhantes documentos cousas, que se não achão nos volumes impressos, nem as repete a tradição.*

3.º *O erudito Conego Gaspar Estaço* (3) *diz: « que o conhecimento de cousas varias, e remotas da nossa idade, em certo modo auctorisa os homens, além de os fazer sabios, e prudentes; e se elle é das do Reino em que nascêrão, tanto é mais digno de louvar, quanto mais se estranha não saber as cousas de casa, e ser peregrino na propria patria. »*

4.º *Quizeramos que os Archaiologos fossem sós os contrastes deste trabalho (porque desgraçadamente para Portugal o conhecimento das cousas patrias não só tem, ha tempos, sido de todo abandonado, mas o que é mais espantoso, alé se ha promovido por todos os meios a ignorancia dellas); pois conhecem, e sabem a grande difficuldade que ha em descobrir varios livros, pergaminhos, e papeis vetustos, e em tirar á luz muitas noticias curiosas, que a lima surda dos seculos tem posto em estado inintelligivel, e quasi apagado*

5.º *Alguem nos aconselhava a que estampassemos esta pequena Obra na Lingua Franceza; porque sendo mais universal, a podessemos tornar mais geral, o que não podia ser com a Portugueza; nisto não conviemos, para não fazermos tal aggravo á nossa Lingua materna; concordando a este respeito com o nosso Diogo Bernardes, quando, na morte do vernaculo Antonio Ferreira, disse:*

---

(3) Neto de Gabriel Estaço, e creatura do Infante D. Henrique, Cardeal e Rei de Portugal, na sua obra de *Varias Antiguidades de Portugal*, no Prol. n.º 12.

Que dando á patria tantos versos raros,
Um só nunca lhe deu em lingua alhea (4)*!*

6.º *Terminâmos este preambulo com as palavras de um nosso Literato* (5), *que dizem: « O estudo do » passado, e dos monumentos que nos precedêrão, é » pois a occupação mais digna, e mais filosofica do » homem de bem. » O Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na Hist. Eccles. da Igreja de Lisboa, diz: « Este é o estudo mais digno dos maiores homens, e mais noticioso das letras humanas. » Tambem Cassiodoro* (6) *disse: « Que não se podia chamar nobre aquelle, que não tratava dos augmentos da sua patria. »*

VALE.

---

(4) Na Elegia de Diogo Bernardes a Pero d'Andrade Caminha, por morte do Doutor Antonio Ferreira, Lente que fôra na Universidade de Coimbra, Desembargador da Casa da Supplicação, e raro Poeta, fallecido no anno de 1569, aos 41 da sua idade; o qual jaz no Cruzeiro do antigo Convento do Monte do Carmo de Lisboa.

(5) Vide Memorias para a Historia, e theoria das Côrtes Geraes que em Portugal se celebrárão etc. Parte 1.ª, pag. 3.ª Pelo 2.º Visconde de Santarem.

(6) Que viveo no 6.º Seculo, e fôra Secretario d'Estado de Theodorico, Rei de Italia; e depois se recolheo a um Mosteiro, que fizera edificar nos confins da Calabria. Historiador Ecclesiastico.

MEMORIA HISTORICA

SOBRE

A origem da fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, que pertenceo aos Monges da Ordem de S. Jeronymo;

E ACTUALMENTE

PALACIO ACASTELLADO,

Situado na Serra de Cintra.

PRIMEIRA PARTE

No mais erguido cume da alta serra,
Que disserão da Lua eras antigas.
Garrett, Camões, Canto IX.

A cinco legoas a Oes-Noroeste da Cidade de Lisboa, em um terreno pedragoso e desigual, posto que aprazivel, está assentada a Serra de Cintra (1), que pertence ao systema Carpetano-vetonico, e tem, na sua maior altura, 3:830 pés, medida portugueza, acima do nivel do mar (.), e outras

(.) O Hospicio de S. Bernardo, edificado no ponto mais culminante dos Alpes, no 10 Seculo, por Bernardo de Menthon, tem 7:540 pés a cima do nivel do mar.

cinco legoas de circumferencia; e a meia legoa de distancia da nobre Villa (2) que dá o nome á Serra, fica o Mosteiro de Nossa Senhora da Pena.

Entre as distinctas Casas que a familia de S. Jeronymo possuia neste Reino, he sem duvida a da Pena a mais celebre pelo sitio em que foi edificada. A' estranheza do local, por estar no cume (§) de um altissimo monte, e na ponta de uma rocha, faz com que novo ár se respire naquella imminencia; o Sol lá brilha primeiro, e vai, quando amanhece, desfazendo às nevoas das espessuras adjacentes; então se descobrem d'alí os dourados horisontes; apparecem aldeas, charnecas, mattas, valles, campinas, quintas, e pomares; ao longe se divisa o Occeano em toda a sua magestade; o soberbo Palacio e Basilica de Mafra, de dimensões colossaes, maravilha d'arte, e monumento duradouro, que ao *Senhor dos Exercitos* elevou a piedade de um Magnanimo Monarcha Portuguez (*) no 18.º Seculo; as Serras de Monsanto (::), e da Arrabida; a Villa de Palmella (⊙); o Castello de S. Jorge; e os Con-

(§) O maior ponto de elevação que se conhece no Mundo é o da *Himalaya*, na Cordilheira do Thibet, na Asia Septentrional. Vide Atlas Encyclopédique de la Geographie Physique, Planche 23. A París, 1827.

(*) El-Rei D. João 5.º, no anno de 1717; e foi o Architecto das obras, que deu a planta, *João Frederico Ludovici*, Alemão, nascido em Ratisbona, e fallecido em Janeiro de 1752, tendo mais de 80 annos de idade, com a patente, soldo, e graduação de Brigadeiro de infantaria, na 1.ª Plana da Corte, e Architecto mór do Reino.

(::) Onde, em tempo de D. Affonso Henriques, teve logar, no cume da Serra, um duello, por motivo de intrigas palacianas, entre dous cavalleiros da sua Côrte, D. Gonçalo, e D. Christovão, de que resultou ficar morto no campo este ultimo.

(⊙) Aonde permanece em abandono o Convento dos Freires da Ordem Militar de Cavallaria de S. Thiago da

ventos da Graça (:), da Penha de França (⁂), e a Ermida de Nossa Senhora do Monte (**); em fim todos os navios que entrão e sahem o porto de Lisboa, porque não ha obstaculo algum, que contraste tão formosa, e extensissima vista. Está pois fundado este Mosteiro em um calvo sêrro, o mais erguido, árido e escabroso da montanha (3), intitulado da Senhora da Pena, ou Penha, em razão de haver alí apparecido, segundo tradição, uma imagem de Nossa Senhora, á qual se construio logo uma pequena Ermida, (4), sobre que se levantou depois Mosteiro. A singular devoção que tinha com a imagem da Senhora da Pena, para que esta fosse mais reverenciada, e juntamente pela inclinação aos Monges do instituto do Doutor Maximo da Igreja S. Jeronymo (♌), e affeição áquelle sitio, o

---

Espada, e Cabeça de toda esta Religião. Foi instituida em Portugal a dita Ordem por El-Rei D. Affonso 1.º, e isenta da obediencia da de Castella, por D. Diniz, em Bulla do Papa Nicoláo IV no anno de 1288; e depois por Bulla do Papa João XXII, em 1320. Tinha 47 Villas e Logares, e 150 commendas.

(:) Fundado por Fr. Luiz de Montoya em 1556, no sitio a que chamavão, em outro tempo, *Almofala*.

(⁂) Por Antonio Simões, ofücial de Dourador, em 1597, cujo logar era chamado *Cabeça de Alperche*.

(**) Fundada, em 1243, por Dona Suzana; e foi esta a segunda Casa, que tiverão em Portugal os Religiosos Agostinhos Calçados, com o titulo de Eremitorio de S. Gens.

(♌) A Congregação dos Monges de S. Jeronymo, em Portugal, foi approvada em Roma pelo Papa Bonifacio IX, a instancias de certo Ermita, chamado Fernandiannes, no anno de 1400. El-Rei D. Manoel lhes fundou os Mosteiros de Nossa Senhora de Belem em 1500, este da Pena de que ora nos occupâmos, e reedificou os do Matto (situado em um valle, afastado duas legoas da Villa de Alanquer para a parte do Sul, entre grandes bosques de arvoredos silvestres, de que lhe resultou o nome) no mesmo

Aureo Rei Manoel mandou Bulla pedir (::),
A Alexandre VI para mosteiro outro construir.

Porém como a antiga Ermida era mui pequena, e não havia capacidade para se fazer maior, foi necessario para a execução da planta, alçado, e cortes do novo edificio, que premeditava a piedade de Sua Alteza (5), cortar aquella grande penha, e desponta-la a ferro e a fogo, o que foi obra de immenso trabalho e despeza; mas como isto emprehendia um animo verdadeiramente real, todos os obstaculos que o Architecto *André Contucci* de *Sansovino*, Florentino (†), e mestres havião posto, se vencêrão e alhanárão, e então se fez uma área de 120 palmos, terreplanada pelos lados; nesta pequena praça se elevou, de madeira, a nova Casa, a qual doou aos Monges Jeronymos, a quem tambem confiou o cuidado da Igreja, e officios della.

Estanciava El-Rei D. Manoel nos seus Reaes Paços na Villa de Cintra (*), o qual cursava muitas

---

anno de 1500, e o de Penha-Longa em 1519, que forão fundados por El-Rei D. João 1.º de *Boa Memoria*.

(::) Por D. Francisco Fernandes Prata, Bispo de Fez, que fôra seu mestre, e depois seu esmoler mór, quando o mandou a Roma com a commissão para o Cardeal D. Jorge da Costa, chamado de Alpedrinha, de dar em seu nome a obediencia ao Papa Alexandre VI.

(†) O qual veio a Portugal, pelos annos de 1481, tendo pouco mais de 20 annos de idade, servir a El-Rei D. João 2.º, o *Principe Perfeito*, que o havia requisitado a Lourenço de Medicis, o *Velho*, em cujo jardim, que foi a melhor Academia de Florença, tinha apprendido a desenhar. (Alí tambem estudou Buonarotti, Torregiani, e outros grandes Artistas.) Regressou á patria no reinado d'El-Rei D. Manoel.

(*) Vide a nossa *Descripção do Palacio Real na Villa de Cintra*, pag. 11. Anno de 1838.

vezes esta jornada, já para diversão dos negocios, e já para o exercicio da caça, de que sempre forão muito apaixonados nossos antigos Monarchas. Succedeo que, no dia 10 de Novembro do anno de 1503, andando Sua Alteza Real á caça (6) na coutada da Serra, e hindo seguindo a um veado branco (porque alí os houve desta côr (::)), conseguio prea-lo no sitio da Pena, quasi ao mesmo tempo em que se avistava lá ao longe no Occeano (cujo mar estava em calma, e sereno), uma frota de nove velas (*), que vinha fendendo as mansas ondas; e logo que ella se approximou, se reconheceo ser parte daquella expedição, que o mesmo Rei D. Manoel, em 1502, composta de 15 velas, havia enviado pela segunda vez á India (7), capitaneada pelo sempre affamado, e corajoso nauta, D. Vasco da Gama

(Vai, não temas a sorte, e o mar navega
Té onde espraia o Indico Occeano:
Affronta o fado, a morte, e as ondas; chega
Onde não foi já mais poder Romano.
Mostra ao Mundo outro Mundo, e á Lusa gente
Dá novo Imperio no domado Oriente.
Gama, Canto II.),

(::) Vide (*Do sitio de Lisboa*) Dialogo 2.º, pag. 167, de Luiz Mendes de Vasconcellos.

(*) " *Em a qual maré entrárão com elle duas caravelas que vinhão da fortaleza de são Jorge da Mina, e duas náos de Ourão com lambeis para o mesmo tracto da Mina, e huma de levante chamada Anunciada, que foi das maes fermosas velas que se vio em toda Europa: e assi entrão outras náos que vinhão de Flandes que fizerão esta vinda do Almirante melhor afortunada. E como neste tempo El-Rei estava em Lisboa, quando foi a elle leuou as pareas que ouvera d'El-Rei de Quiloa.* ,, João de Barros, chamado o *Livio Portuguez*, na sua *Decada* 1.ª da *Asia*, no

o qual tendo nesta viagem feito tributario á Corôa de Portugal *Habrahemo*, Rei de Quiloa (§), conseguido prosperos successos, estabelecido o commercio, feito guerra a alguns Principes, celebrado pazes e amizade com outros, deixando glorioso o seu nome, e a Nação respeitada, se recolhia a Portugal com felicidade e victorioso (*); donde o Principe dos Poetas Lusitanos veio a dizer nos Lusiadas (†), Canto X, Est. CXLIV:

Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houverão vista do terreno
Em que nascerão, sempre desejado.
Entrárão pela foz do Téjo ameno.

..... O Gama invicto
Singrando vem para o seu patrio Tejo;
E o Tejo recebeu do Indo, e Ganges
Preito rendido, e tributario feudo.
Garrett. Cam., Canto VIII.

Liv. 6.º, cap. VIII; o qual falleceo em 20 de Outubro de 1570. Jáz na Igreja Parochial da Villa de Alcobaça. Paz seja com os ossos delle. . . Veneza mandou pôr o seu busto entre os dos Varões famosos do Mundo. O Papa Pio IV fez collocar outro nos Paços do Vaticano, junto ao de Ptolomeu Phidadelpho.

(§) O primeiro Principe daquellas Regiões que pagou pareas a Portugal. Posto que fosse Rei acabou em uma notavel comedia das voltas do mundo, e seu primo Micante em tragedia, que em seu modo muito serve para contemplação das cousas delle.

(*) Logo que desembarcou, caminhou aos Paços do Castello de Lisboa, para onde El-Rei tinho vindo de Cintra, a fim de o receber, e saber novas do Oriente.

(†) Vide *Memoria Historica e Critica, ácerca de Luiz de Camões, e das suas Obras*, pag. 120. Por Francisco Alexandre Lobo. Anno de 1820.

Por este feliz e inesperado regresso de D. Vasco da Gama quiz D. Manoel erigir a Nossa Senhora da Pena outro Mosteiro, que fosse capaz de estabilidade, e em tal circumstancia o mandou logo edificar de novo, e enriquecer com muitas obras, no mesmo anno já referido de 1503, do qual foi Architecto, e deu a nova planta, *João Potassi*, Italiano; fazendo-lhe a Igreja, claustro (8), dormitorio (*), officinas, campanario etc. tudo de laçaria de pedra, sendo uma de rocha, e outra de Ançãa, com todo o primor da arte de architectura ao gosto usado naquella epocha (::), para ficar servindo de memoria, por ter sido daquelle logar que Sua Alteza avistára a frota, como referimos, e de padrão sagrado, que attestasse ás gerações postreiras a já assás provada ousadia e coragem Lusitanas, além dos mares, nos principios do 16.º Seculo.

Calle-se de Alexandro, e de Trajano,
A fama das victorias que tiveram.
Camões, Canto I, Est. III.

(*) Bastante para habitarem 15 Monges com o seu Prior.

(::) A que o vulgo chama *Gothica*; porém que he *Arabe*, ou antes *Mourisca*, e onde em cada panno do muro, em cada fresta esguia, em cada columna em arco ponteagudo, cujo vertice o Architecto elevou para os ares, parece estar escripta uma deprecação a *Jeovah*.

SEGUNDA PARTE.

Subi suavemente o flanco da montanha;
E lá, dominando, por seu cume, o campo adjuncto,
A vedes elevar com seus altos campanarios.
Mas eis-vos perto « á S.ª dos Rochedos. »
Lord Byron, no seu Poema, Child Harold. Pilgri. Canto, 1.º Est. XX.

Subida a encosta da Serra pela parte do Largo da Igreja Parochial de S. Pedro de Penaferrim (era chamado este caminho o atalho) no arrabalde da Villa de Cintra, e antes de chegar á porta do Mosteiro, ao lado direito, sobre uma pequena penha, se vê collocada uma Cruz, feita de laçaria de pedra (*). Entrada a referida portada, logo a diante se acha uma área toda murada, e descoberta, e depois subindo-se 26 degráos de pedra está um atrio; deste adro se torna a subir outros 6 degrãos, tambem de cantaria, para a porta do Templo, cuja abre para o Sudoeste. A Igreja é de uma só nave, em forma de cotovelo; tem 5 janellas (9) no alto das paredes, as quaes estão revestidas de finos azulejos brancos e azueis; sendo parte dos da Capella mór e Côro de differentes côres.

Quando Filippe 3.º o *Pio*, ou *Bom*, de Castel-

(*) Foi mandada alí fazer, no anno de 1532, por D. João 3.º, o qual teve por Empreza uma Cruz, sobre uma penha, de 5 pontas, com a lenda (dizemos *lenda*, como sempre disserão os nossos classicos, e não *legenda*): *In hoc signo vinces;* porque na Religião foi pio, na justiça clemente, na Fé muito catholico, na liberalidade magnifico, e na prudencia unico, e em todas as mais obras benigno e grave.

la, e 2.º de Portugal, veio a Lisboa (::), e a vez primeira que foi ao Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, da Serra de Cintra, observando o máo estado em que se achavão as paredes da Igreja por causa da humidade do sitio, desde logo ordenou se lhes puzessem azulejos.

Tem o Templo 70 palmos de comprido até ao Altar mór, e 71 de largo. No corpo da Igreja ha dous Altares collateraes; o que fica da parte do Evangelho é dedicado a Nossa Senhora da Pena (10), e o da parte da Epistola, a S. Jeronymo (*). Para o Altar mór se sobem 3 degráos de cantaria, hindo do pavimento do corpo da Igreja. O Côro fica ao lado da Capella mór da parte da Epistola; tem 64 palmos de comprimento, e 26 e meio de largura, e é ornado com duas ordens de cadeiras de espaldar, de bordo (†), com pouca obra de talha, e sem lavores. Ao lado esquerdo deste Côro ha uma porta, que terá 5 palmos de largo, por 10 de alto, sendo as ombreiras, vergas etc., de cantaria; da qual, descendo alguns degráos, se entra para a sacristia e mais interior do Mosteiro.

A antiga Imagem da Senhora da Pena, ou Pe-

(::) Como se vê sobre o arco da Capella mór, pela éra de 1619, alí exarado no azulejo.

(*) A Imagem deste Santo, alí collocada, foi dadiva do Fundador.

(†) Madeira que El-Rei D. Manoel mandou vir de Alemanha, a qual tambem servio para se fazerem as 72 cadeiras, com copia de adornos assás engenhosos, para o côro do insigne Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, quando o dito Rei renovou, augmentou, e enriqueceu com obras novas este edificio á custa das suas proprias rendas, depois da morte do Prior Mór, D. João de Noronha, por causa da Bulla que impetrára, do Papa Julio II, o Cardeal Nepota, para as usufruir, succedendo-lhe no Priorado.

nha, com o Menino Deos nos braços, que se venera neste Templo, é de pedra, de não boa esculptura, e está vestida de tela, sendo sua altura quasi 3 palmos. Teve em outro tempo uma corôa de ouro guarnecida de aljofres, e outra o Menino Jesus, que havião sido doações (::) da Rainha D. Maria (11), mulher d'El-Rei D. Manoel, filha dos Reis Catholicos D. Fernando, e D. Isabel, os quaes jazem ambos, em sumptuoso mausoléo, na Sé de Granada. A Senhora está collocada em o Altar mór, ao lado do Evangelho, em um tabernaculo introduzido na parede (que, com a Ara, faz uma formosa perspectiva), de fino alabastro de Firenze (*), de cuja materia é todo o retabolo, o qual se compõe de varias columnas grandes e pequenas, da Ordem Corinthia, que são de marmore preto

---

(::) Até á extincção das Casas Religiosas de todas as Ordens Regulares, no anno de 1834. Quantas preciosidades por esta occasião desapparecêrão!!!; e talvez muitas fossem entregues ao cadinho, como que se não pertendia outra memoria mais que o valor, que dellas tirárão, para satisfazer a cobiça, ou necessidade, não bastando todos os prudentes meios que se applicárão contra esta irremediavel, e lastimosa depredação. Ainda se conservará a grande corôa de ouro, cravejada de pedras preciosas, que fôra dos Reis Godos, os *Flavios*, que a tinhão dado aos Monges de S. Bento do Mosteiro de Lorvão?

Ainda tambem se conservarão as duas magnificas corôas de ouro, guarnecidas de diamantes, que se fabricárão em París com o maior primor de riqueza e arte, que El-Rei D. João 5.º offereceo para a cabeça da Imagem da Senhora do Monte do Carmo, e do Menino Deos que tem nos braços, que se veneravão no seu Templo e convento desta Corte?

(*) Donde foi mandado trazer, de proposito, para se obrar este artefacto; e não tirado da Serra de Cintra, como erradamente se diz; porque é substancia calcárea, que alí se não encontra.

(†), com suas bases e capiteis de alabastro, e de figuras em relêvo escorçadas, as quaes umas representão a Annunciação do Anjo Gabriel, a Apresentação da Senhora no Templo; e outras o Nascimento de Christo, e a Adoração de *Gaspar*, *Balthasar*, e *Melchior* (*), Reis magos do Oriente. Tem no meio um Sacrario do mesmo alabastro, de figura circular, onde estão esculpidos em baixo relêvo os Passos da Paixão do Salvador do Mundo; e guarnece o referido rètabolo, pela parte exterior, um cordão, tambem de alábastro, para ornato do fronstespicio, sendo composto de flores, fructos, folhagens, e dividido em festões (::). Toda esta obra é tão sublime, admiravel, e executada com tal artificio e delicadeza, que sem duvida póde reputar-se uma das melhores, neste genero, que possue o Reino; e na qual se vê bem a generosidade d'El-Rei D. João 3.º o *Piedozo* (§), que a mandou construir, assim como a pericia do Esculptor que a delineou e esculpio, o qual foi *Nicoláo* Romano (12).

(†) De que Portugal tanto abunda em Montes Claros, Lagarteira, e Cintra.

(*) A Igreja lhes dá estes nomes; mas ha tradições em que se lhes dão diversos, como *Apellio*, *Amero*, e *Damasco*, *Malgalath*, *Gallagat*, e *Sarasino*, *Atos*, *Salos*, e *Peratoras*.

(::) Que os Architectos, de ordinario, poem em alguns vãos das suas obras.

(§) Nasceo em Lisboa a 6 de Junho de 1502, sendo filho d'El-Rei D. Manoel, e da Rainha D. Maria, sua 2.ª mulher; foi baptizado na Capella de S. Miguel dos Paços do Castello, chamados da Alcaçova, pelo Arcebispo de Lisboa, D. Martinho da Costa. Morreo na mesma Cidade a 11 de Junho de 1557, com 55 annos de idade, e de reinado 35 e meio. Jáz no Real Mosteiro de Belem. E acabou com elle a paz e quietação interior, e aquella unidade e segurança de governo em que se estriba toda a boa ventura dos Estados.

*

Alí a podem admirar os intelligentes, e vêr quanto o egregio Artista soube entender excellentemente todas as regras da sua arte; além disso parece que elle deu vida aos marmores, e aos jaspes. Um Poeta nosso (☿) descreveo este bello retabolo nos seguintes versos:

Subtil cinzel esculpe os santos passos
Com delicada mão, saber profundo:
No mimo do lavor, fino dos traços,
Na apurada certeza das ideas
Vendo-se estão os musculos e veas.

O motivo que deu origem a que D. João 3.º mandasse construir este retabolo, foi em gratificação e memoria de seu reconhecimento pelo feliz parto, que por intercessão da Senhora da Pena, conseguio a Rainha D. Catharina, sua mulher (*), dando á luz, na Villa de Alvito (s) no 1.º de No-

(☿) Na sua *Descripção da Serra de Cintra*, Nuno Caetano da Costa, que foi Contador Geral da Provincia da Estremadura no Real Erario.

(*) Era irmã de sua madrasta, a Rainha D. Leonor, filhas de Filippe 1.º de Castella, e Leão, Archiduque de Austria, e Duque de Borgonha, e da Rainha D. Joanna, herdeira daquella corôa.

(s) Seis legoas da Cidade de Evora para o Sul está a Nobre Villa de Alvito, onde ha um Castello com o seu Palacio (.), em que costumavão assistir os Barões de Alvito, cujo titulo El-Rei D. Affonso 5.º deu de juro, para sempre, a João Fernandes da Sylveira, que era do seu Conselho, Escrivão da Puridade, e seu Chanceller mór, por Carta passada em Portalegre a 27 de Abril de 1475, com sello de chumbo, pendente de seda verde, solta, sem ser cordão, com esta letra: *Sigillum Domini Alphonsi Dei gratia Regis Portugaliæ Algarbii Ceptæque Domini;* e foi o 1.º titulo que houve neste Reino, por Carta, e unico muitos annos.

(.) Na fachada, sobre a porta principal, tem o escudo com

vembro de 1531, o Principe D. *Manoel* (13), como se lê na inscripção, que está gravada, em caracteres antigos e com abbreviaturas, no pedestal do mesmo tabernaculo, ao lado da Epistola, que diz o seguinte: *Joan. III. Emman. F. Ferdinan. Nepos: Eduard. Pronep. Joan. I. Abnep. Portug. et Algarb. Rex. Afric. Ethiop. Arab. Pers. Ind. ob fœlicem partum Catharinæ Reginæ, coniugis incomparabilis suscepto Emmanuel filio prīcipe. Aram cum signis pos. dicatiuque an. M. D. XXXII.*

Teve o Mosteiro uma Cêrca (actualmente tornada em aprazivel Quinta), que constava, no tempo dos Monges, de horta, pomares de espinho, jardim (§), e fontes, sendo uma dellas denominada a dos *Passarinhos* (*), de aguas claras, excellentes

(§) Para o qual se trouxe de fóra bastante terra. Vide Corografia Portugueza, Tomo 3.º, pag. 83, Pelo Padre Antonio Carvalho da Costa, Clerigo do habito de S. Pedro, Mathematico, natural de Lisboa.

(*) A agua desta fonte (a unica em Cintra que não possue particulas ferreas), é quanto póde ser excellente, fria e nevada na força maior do Sol do Estio; temperada no Inverno como um banho. E similhante, ou igual áquella, é a da fonte chamada do *Cardeal*, que se acha situada na Cêrca do Convento de S. Domingos de Bemfica (2 mil passos da Cidade de Lisboa), a qual tem entalhados em um pedaço de branco marmore, os seguintes versos latinos:

Sic fluit in liquidum christallus
Candida fontem,
Ut fudit lacrimas Magdalis
almas suas.

A interpretação é a seguinte: Assim correm da clara fonte as aguas cristallinas, quaes da Magdalena gentil as lagrimas rebentão.

as Quinas Reaes Portuguezas, o qual El-Rei D. João 3.º alí mandou collocar para memoria de ter nelle nascido o Principe D. Manoel, seu filho, como acima referimos.

e frias. Na referida Cêrca, que era dilatada, se vião cinco Ermidinhas (ainda hoje se conservão) em logares differentes, terras de semeadura, e umas longas fileiras de pinheiros (*), que se avançavão até bastante distancia, e os seus ramos frondosos, sobresahindo em meio das plantas sylvestres, offerecião hospitaleira sombra, e convidavão, naquelle sitio, á meditação, que recordava a filosofia e os cantos do grato, a Augusto seu Mecenas, *Horacio Flacco*, Poeta de Venosa, junto da Apulia.

O antigo caminho, chamado de *Dom Manoel*, para o Mosteiro, era tambem aquelle que conduz da Villa ao Convento, da invocação da *Cruz*, de Recoletos Franciscanos (14), e que depois volta para o antiquissimo feudal Castello (†),

(" Só vós arcadas sombrias
Antigas éras lembrais;
Só vós, do fausto passado,
Os tristes restos mostraes.
A epocha do vosso brilho,
Ha muito, ha muito é passada;
E que resta do prestigio?
Musgo, pedras, e mais nada! »)

(*) A arvore mais antiga, deste genero, que houve, ou se conheceo neste Reino, foi uma na Cêrca do Mosteiro de S. Bento, de Religiosas Bernardas, na Cidade de Evora, a qual pôz por terra, em a noite de 3 de Janeiro de 1739, um grande furacão de vento. Tinha o pinheiro de diametro quasi 4 braças; não era cercado de raizes como as mais arvores, mas tinha só duas, no meio das quaes ficava uma pedra. Vide *Historia das antiguidades de Evora*, Liv. 6.º, pag. 175. Por Amador Patricio.

(†) Edificado pelos Turdulos, no anno do Mundo 3:382, e reedificado pelos Mouros, no de Christo 713, depois da fatal batalha junto a Xerez de Guadalete, na Andaluzia, que perdeo D. Rodrigo, Successor de *Witiza*, e ultimo

cujo caminho é pela ingreme Serra acima, a qual está semeada de enormes penedos (muitos delles forão cortados por mandado d'El-Rei D. Manoel quando deo principio ao Mosteiro, para se facilitar a passagem), amontoados desordenadamente uns sobre os outros, que parecem estar desabando; e de um e outro lado se veem nascentes de pequenas cascatas, das quaes:

As fontes crystalinas,
Que, rindo, se despenhão
Por entre musgo pardo, e grama verde;
.....
De nectar excellente (*).

A Serra de Cintra está quasi sempre coberta de um vapor espêsso, e suas faldas são no inverno a habitação de nevoeiros, e em muitas tardes de verão o iman de trovoadas e de negras nuvens, que attrahidas a differentes pontos da cordilheira, pelas suas repetidas coruscações nos crepusculos, no ve-

---

Rei dos Godos (que é caso muito parecido ao nosso, de 4 de Agosto de 1578), contra Tarifa Abenzarca, e o Conde Julião; a que se seguio o render-se Hespanha. Vide *Relação do Castello, e Serra de Cintra etc.* Por Francisco de Almeida Jordam, Bacharel em Canones pela Universidade Coimbra. Lisboa. Por Francisco Luiz Ameno. Anno de 1748.

(*) De D. Bernarda Ferreira de Lacerda, mulher de Fernão Correa de Sousa, a qual sabia com perfeição varias Linguas. Era na Rethorica, Filosofia, e Mathematica eminente. Tocava todos os instrumentos com singular destreza. Na Poesia foi um raro prodigio. Jáz com seu marido na mesma sepultura (como declara o respectivo epitaphio, que é de summa curiosidade), no Convento dos Carmelitas Descalços de Lisboa, fundado em 1606, a que chamão dos Remedios.

ão, formão daquelles phenomenos os mais bellos e variados quadros. Como o Mosteiro da Pena visinha muito com a região aerea, pela extranha altura em que se acha edificado, muitas vezes se virão acommettidos de raios os seus Monges (15). Em 30 de Setembro de 1743, pelas 4 horas da tarde, o Ceo carregado e sombrio, roto de quando em quando pela violenta luz do relampago, o trovão atroando com medonho estampido os ares, um raio voando com rapidez (†) a este Real Edificio, quando os Monges celebravão a festa do seu Patriarcha, arruinou parte da torre (16); e communicando-se á Igreja pela Capella mór, damnificou algum tanto o precioso retabolo, queimou-lhe quasi toda a armação, inutilisou o orgão, destroçou as grades do Côro, e tirou da abobada algumas pedras grandes. No Altar de S. Jeronimo partio o Leão, que o Santo tem aos pés; passou-se depois á Sacristia, onde fez muito estrago; arrombou a porta que dá entrada para o interior do Mosteiro, no qual este raio, ou outras scentelhas fizerão buracos em muitas partes; porém havendo-se coberto de fogo toda aquella Casa, e achando-se nella 24 Monges, e mais de 200 pessoas, nenhuma perdeo a vida (§).

El-Rei D. João 5.º, o *Magnanimo* (17), imita-

(†) A velocidade com que esta materia electrica se move, é excessiva, e maior ainda que a de uma bala de artilheria, que corre 1800 pés por cada segundo.

(§) Todavia o Padre Ministro do Convento da Trindade da Villa de Cintra (fundado por El-Rei D. João 1.º em 1410, como consta do Liv. 3.º, a fol. 123, da Torre do Tombo do mesmo Rei, nos arrabaldes da mesma Villa), que alí se achava foi visto rodeado de fogo, queimando-lhe o habito e vestido, e lhe crestou a carne em 16 partes, cujos signaes parecião effeito de grãos de munição. Vide *Gabinete Historico*, Tomo 9.º, cap. 31, pag. 349, Por Fr. Claudio da Conceição.

dor de seus gloriosos predecessores em ter debaixo da sua piedosa protecção o Real Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, da Serra de Cintra, sendo sabedor dos grandes damnos que o dito Mosteiro havia soffrido, como acabâmos de dizer (.), o mandou logo reparar no mesmo anno de 1743.

Immenso era o concurso dos povos comarcãos, e de outras terras distantes, que annualmente vinhão ao Mosteiro, e em Cirios, render suas homenagens religiosas; assim como o da gente de Lisboa de todas as cathegorias, que, em especial, no penultimo Domingo do mez de Agosto áquelle logar affluia (hoje igualmente) a solemnizar a festividade da Senhora da Pena com a devida pompa (18).

Pelo Decreto de 28 de Maio de 1834, o qual supprimio em Portugal, Ilhas adjacentes, e Dominios Portuguezes todos os Mosteiros, Conventos, Collegios, Hospicios, e quaesquer Casas Religiosas de todas as Ordens Regulares, ficou este Regio Edificio, que outr'ora servio de delicias aos nossos Reis (§), e de asylo ameno aos seus Monges, abandonado á injuria dos tempos (oh quanto é forte o seu poder!), em fatal esquecimento, e entregue a esse furor eversivo (peior que o dos Alânos, Suévos, e Wandalos, quando, no anno de 409, invadírão a Hespanha, e occupárão a Lusitania) de tudo que é antigo, sem escolha, nem consideração pelas Artes, ou pela lembrança das epochas mais gloriosas da Historia (::) Portugueza; tornando-se por tal ar-

---

(.) Por D. Henrique da Costa, Conde de Soure, Vedor das Obras do Paço, e o Prior de S. Nicoláo, o Reverendo João Antunes Monteiro.

(§) Vide *Varias Antiguidades de Portugal.* Cap. 25, N.º 22, pag. 111. De Gaspar Estaço.

(::) Se El-Rei D. Manoel não mandasse lêr todos os dias, em sua presença, ao Principe D. João seu filho, as histo-

te em alvergue de Corujas, Môchos, e Noitibós, ou Zangaralheiros para vergonha da Nação..... Monumentos que attestaes os mais gloriosos feitos, á sabedoria, e magnanimidade dos passados, caí em terra, e com as vossas ruinas memorai no porvir o desdenho desatino, e mesquinhez dos presentes!

rias e chronicas dos Reis seus antepassados (.), de certo que ambos estes Monarchas não descobririão mares e terras não sabidas, com que fizerão immortal a gloria de seu nome. Demetrio Falereo aconselhou Ptolomeo Phidadelpho, Rei do Egypto (x) se entregasse á lição da Historia; porque nella acharia os avisos, que se não atrevião a dar-lhe os seus Aulicos.

(.) Chronica d'Elrei D. Manoel, pag. 4.ª cap. 84. Por Damião de Goes.

(x) O qual fez célebre o seu nome por tres grandes obras. 1.ª Pelo Farol de Alexandria, que se contava por uma das sete Maravilhas do Mundo, obra do grande Arichitecto Sosistrato, natural de Gnidio. 2.ª A Bibliotheca d'Alexandria, de que era Prefeito Demetrio Falereo. 3.ª A Versão Grega dos Livros Sagrados dos Hebreos, feita por 72 Interpretes pedidos de Jerusalem ao Papa Eleázar II.

TERCEIRA PARTE.

Que nos futuros seculos á gente
Desperte, avive a perennal memoria.

A uma epocha de decadencia succede muitas vezes outra epocha de restauração, apparecendo um genio bemfazejo que lhe paralysa o impeto; e isto vimos verificado em 1838; porque o Senhor D. Fernando 2.º, querendo ser tambem um fiel imitador de nossos antigos Reis (em suas heroicas e piedosas acções), os quaes desde o seu Pio Fundador, sem exceptuar os 3 Filippes de Castella, sempre tiverão sob o seu auxilio Real o Mosteiro de Nossa Senhora da Pena da Serra de Cintra (como já dissemos), para obstar á inevitavel ruina do dito Mosteiro, consequencia necessaria do estado de quasi total desamparo em que existia, pôz para isso em pratica os meios mais efficazes, comprando-o (§), e mandando-o logo reedificar (19) pelo seu bolsinho:

Fazendo que da cinza em que acabava,
Qual Fenix, outra vez resuscitasse.

Ordenou por tanto se procedesse alí a novas obras,

(§) Perante a Junta do Credito Publico, em 3 de Novembro de 1838, pela somma de 761:000 réis. A sua avaliação era de 700 mil réis, com a clausula do que dispõe a Carta de Lei de 15 de Abril de 1835. Vide *Diario do Governo* N.º 229, de 1838, col. 3.ª

e reparassem as antigas; porém guardando sempre a mesma primitiva Ordem de Architectura (20), que os nossos antepassados souberão conservar até aos principios do 16.º Seculo, quando já as Artes fóra da Italia tinhão começado a ser conhecidas.

Na parte que corôa os entablamentos exteriores tem agora ameias em forma de fortificações Orientaes, e nas da torre dos sinos Cruzes floreteadas da Ordem Militar da Cavallaria de Christo, entalhadas nas mesmas ameias (*), e forrados os pavimentos dos eirados de *Aspaltho* (::). No interior, as 16 cellas, ermas e passadas habitações de *Cenobitas*, estão hoje transformadas, umas em salas, e outras em camarins, com excellente mobilia antiga (21), propria de um Principe.

Sua Magestade, El-Rei, reduzio pois assim o Mosteiro de Nossa Senhora da Pena e Cêrca, a Palacio acastellado (:), e Quinta; mandando além disto, desde o Largo da Igreja de S. Pedro de Penaferrim pela encosta acima da Serra até á porta do referido Palacio, construir uma estrada suave e larga, sobre a antiga (n'outro tempo escabrosa), bordada de arvores, e de um muro baixo ou cortina para segurança; contendo no meio da subida um

---

(*) Como se observa no Real Mosteiro e Torre de S. Vicente de Belem.

(::) Sendo o seu pezo muito menor que o do chumbo, e até que o do Tijolo, preserva do frio, e da humidade, inconvenientes que se experimentão mui frequentemente neste Edificio. No seculo passado a Europa conseguio a posse de descobrir a *Pedra Asphaltica de Seyssel*, e existe ainda, em Lausanna, a área d'uma das torres da Cathedral lageada em 1720 com mastique asphaltico, e permanece n'um estado de conservação notavel.

(:) Collocando-lhe no frontão da porta um Escudo ordinario, partido em pala, com as Armas de Portugal, e de Saxonia Coburgo-Gotha.

plano, em forma de meia laranja, para descanço dos que a transitarem; e uma arcada subterranea, que dá entrada ás carruagens, que aliás não poderião chegar á porta, pela subida, que lhes seria impraticavel; querendo, com todos estes espontaneos actos de total reedificação, dar a conhecer aos presentes, e que pela memoria della conste aos vindouros tres cousas: a primeira que protejeu a devoção nacional que os Povos do Reino tributão á antiga Imagem de Nossa Senhora que alí se venera no seu Templo; segunda para perennal recordação do Senhor D. Manoel, o *Venturoso*, XIV. Rei de Portugal etc., seu Pio, e animoso Fundador; e a terceira em lembrança dos assignalados feitos de nossa envelhecida gloria, nas arriscadas emprezas que dilatárão os Dominios de Portugal até ás ultimas Regiões da Asia, as quaes derão mais permanencia a este Edificio da Pena, o qual parece estar dizendo logo que é avistado:

Vós, Lusitana Estirpe, que da terra
Oriental já fostes a Senhora;
Que já dictastes Leis em paz, e em guerra
Desde a margem do Téjo á rôxa Aurora:
.....
Não deixeis, Lusitanos, esquecida
Da vossa antiga gloria a antiga estrada (*).

(*) Gama, Poema Narrativo, Canto X, do nosso vasto Literato, o Padre José Agostinho de Macedo, fallecido em 2 de Outubro de 1831. Jáz na Igreja do Mosteiro de Nossa Senhora dos Remedios, de Religiosas Trinitarias, que mandou edificar, por verba de seu testamento feito em Lisboa a 29 de Junho de 1620, Manoel Gomes de Elvas, Fidalgo da Casa de Filippe 3.º de Castella, e 2.º de Portugal, em o sitio que então se denominava de Campolide, chamado hoje o Rato.

E nós presentes, em reconhecimento, diremos, e os que depois de nós vierem dirão, que o Senhor D. Fernando Augusto Francisco Antonio, Rei de Portugal, o 2.º do Nome, Duque de Saxonia Coburgo-Gotha (*Que amor ás Artes* (22) *e ás Sciencias mostra*), é o Magnanimo conservador, e restaurador, em o anno de 1838, deste vetusto padrão

Dos bons tempos de Lysia (*)!

Aliás se poderia dizer: Que foi feito do Mosteiro de Nossa Senhora da Pena da Serra de Cintra? E dos fragmentos daquelle Edificio? Não ha delle mais que pó, que o voluvel vento leva (23)! A final este Mosteiro, actualmente Palacio acastellado, e Quinta da Pena

..... adoravel estancia
Pelos encantos seus eternisada (†),

continuará a ser visitado de todos os Nacionaes, e Estrangeiros (§), não só pela celebridade do sitio, e ditosas recordações, como para contemplarem sua reedificação, e affórmoseamento da Quinta, e a vasta plantação, que nella ha, de varias arvores (.)

(*) Garret. Cam. Cant. 7.º

(†) Imitado de Petrarca por Voltaire.

(§) Que lhes fará lembrar (a alguns), a bella Casa campestre e de recreio, nos arredores da Cidade de Coburgo, chamada *Roseneau*, pertencente á Familia reinante de Saxe-Coburgo-Gotha; assim como dos muitos edificios acastellados e romanticos, nas margens do Rheno, os quaes são todos os annos visitados por grande numero de viajantes de todos os Paizes, Escriptores, Pintores, Poetas, Artistas, Romancistas, e Amadores das Bellas-Artes.

(.) Sua Magestade, Elrei, mandou alí plantar 10 mil pés de arvores: assim nos communicou o Senhor Barão de Eschwege, em 5 de Novembro de 1840.

exquisitas, mas estereis, que só por fructo dão sombra aos que passeão por suas dilatadas e tortuosas ruas. Quão rapidas, a esses, lhes fugirão as horas, e lhes esquecerão os trabalhos, fadigas e contradicções da vida enganosa, quando absortos contemplarem os magicos encantos que alí se encontrão nas Artes *Liberaes* e *Mecanicas*, e daquella imminencia espalharem a vista, e gozarem os longiquos e variados objectos que a ella se offerecem, como em um panorama, até que o disco do Sol, tocando as ondas do Occeano, vá, com seu nocturno manto, esconder-lhes tão encantadoras scenas!

Continuaria de boamente a nossa debil penna a tratar de um assumpto, que nos é grato, porém é tempo de a suspendermos; pois mal póde desenhar originaes, cujos effeitos produzem no espirito sensações, que mais facil é experimenta-las que descreve-las.

Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio a natureza.
..... *onde geme a rôlla,*
E philomela modulou queixumes,
Suavissimo encanto da espessura.

Garret, no seu Poema, Camões, Canto V.

Oh Cinthra! oh Cinthra! Oh Eden Lusitano,
Nos teus montes, que o genio ama e frequenta,
Quadros busca o Pintor! busca o Poeta
Sublime inspirações, ideas novas,
Profundos sentimentos, e lembranças
De antigos tempos, que a saudade enfeita!

J. M. da Costa e Silva (**Amantes Suevos, Canto VIII.**)

Acabámos esta Memoria Historica em 11 de Dezembro de 1840, dia de S. Damazo, Papa, glo-

ria e resplendor da Nação Portugueza, que foi elegante Poeta, e dado ao estudo de antiguidades; o qual escrevendo a S. Jeronimo a sua Carta n.º 124, lhe diz:

Que lêr sem escrever, é dormir.

FIM.

NOTAS.

(1.ª)

Monte da Lua chamárão todos nossos Escriptores ao promontorio de Cintra, e o insigne Jurisconsulto e Poeta, Gabriel Pereira de Castro (*), o denomina assim; e conjecturâmos com elle, que o nome Cintra é corrupto de Cynthia, que tambem tem a Lua; e tal similhança nos faz ter isto por certo. Parece-nos pertencer esta Serra á 1.ª classe de montanhas (⋌), a que os Naturalistas chamão anti-diluvianas, isto é, que suppõem já existião antes do Diluvio universal. Não só na suavidade de clima, mas em seus variados dons a natureza foi prodiga com ella; porque está assentada sobre minas de ferro, de magnete, etc., e nas suas fendas e cavidades *espatho* vitrozo, e calcareo. O nosso celebre Poeta, *Gil Vicente* (..), a chamou fresca Serra de Cintra, dama polida, brava e doce; contemplação de amores, e a amada do verão,

(*) Na sua *Ulyssea*, *ou Lisboa edificada*. Canto 5, oit. 91, e Canto 8.º oit. 137. O qual jáz no Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra.

(⋌) São quatro as principaes classes admittidas na Geologia; isto é a Sciencia que trata do conhecimento do globo terraqueo.

(..) Natural da Villa da Pedreneira, neto d'um Tamborileiro, filho de um Alabardeiro, e de uma Parteira, de officio tecelão de mantas d'Alemtejo. Vide *Farças* o *Auto*, chamado da Lusitania, do mesmo *Gil Vicente*.

etc. Foi ella, que inspirou ao Cantor dos Lusiadas o terno Soneto LXX. á sua dama preferida, *Natercia* (nome que bem póde ser, e é de suppor, que seja o anagroma de D. Catharina (§)); assim como ao saudoso e namorado Poeta Bernardim Ribeiro (**), a sua Egloga III.

(2.)

A opinião mais seguida é, que tivera seu principio pela fundação de um Templo que, nos annos do Mundo 3:382, os Turdulos (“) edificárão á Lua, que adoravão sob o nome de *Cynthia*, cuja situação uns querem que fosse no logar de Almoçageme, e outros no Castello (ᴍ) da Serra.

(§) O Licenciado João Pinto Ribeiro diz que fôra D. Catharina de Almada, prima do Poeta, e Faria e Sousa, que foi certa Dama do Paço, chamada D. Catharina de Athaide, filha de D. Antonio de Lima, e de D. Maria Bocanegra, tambem Dama da Rainha; porém este é mais noveleiro que historiador: é para advertir, que elle escreveo em Castella no tempo de Filippe 3.º de Portugal.

(**) Floresceo nos principios do 16.º seculo, alcançando então maior celebridade, que nenhum Poeta Castelhano seu contemporaneo. Havia elle recebido a sufficiente educação literaria para o estudo da Legislação. El-Rei D. Manoel o fez Moço Fidalgo; e Ribeiro encontrou na Côrte deste Soberano um objecto (a Senhora Infanta D. Beatriz, que casou com Carlos 3.º Duque de Saboya), que, exaltando a sua imaginação poetica, foi causa de suas futuras desgraças. Compoz o Romance que se intitula *Menina* e *Moça*, cujo é uma allegoria de seus elevados amores; assim como tambem um pequeno *Idilio*, que se encontra no Cancioneiro Hespanhol. Entre as Obras que escreveo, são mui notaveis as suas 4 Eglogas.

(“) Os quaes occupavão então a Costa maritima desde o Promontorio da Lua, ou Cabo de Cascaes, até ás embocaduras do Douro.

(ᴍ) Em 17 de Setembro de 1837 achámos neste Castello uma medalha de prata, tendo de uma parte o busto

No tempo dos Romanos era esta Villa (ᵗ) comprehendida nos campos Olisiponenses, e por isso gozava dos direitos de municipio romano collectivamente com os moradores de Lisboa, unica Cidade da Lusitania, que, segundo diz *Plinio*, lograva esta isenção. O Conde D. Henrique, intitulado o *Consul* ou *Comes* (ˢ) de Portugal, a conquistou aos Mouros no anno de 1109, e no de 1147 a adquirio á força de armas D. Affonso Henriques (que tambem se intitulava até Novembro da éra de 1174 *Infans*; até a éra de 1178 *Princeps*; e desde então *Rex Portugaliæ*), do poder dos Sarracenos, e tratou logo de mandar purificar, e converter a Mesquita em Igreja, que dedicou ao Apostolo S. Pedro. Depois deu Foral á Villa, com muitos privilegios, em 9 de Janeiro de 1154, o qual foi confirmado, em 1189, por seu filho D. Sancho 1.º o *Povoador*, e posteriormente, na reforma dos mais do Reino, por ElRey D. Manoel, que lhe accrescentou novas regalias em 1514. Gozava de voto em Côrtes Geraes, que em Portugal se celebrárão pelos tres Estados do Reino, com assento no banco VI. Tem por Armas um Castello com tres torres. Donatarias as Serenissimas Rainhas, pela doação que fez ElRey D. Diniz a sua Esposa, a Rainha D. Isabel, até ao anno de 1834.

---

do Imperador Antonio Pio com a inscripção: IMP. *Antoninus Aug.*, e da outra o simulacro da Concordia sentada, tendo junto a si uma Cornucopia de fructos como symbolo da firmeza; e na mão direita a taça que servia para os sacrificios, a que chamavão *Simpulo*, ou *Simpuvio*, com a letra: *Concord. Aug. Fr. P. XVIII. Cos. III.*

(ᵗ) Cujos moradores acompanhárão Hannibal nas suas victorias de Trasimeno e Cannas, como diz Silio Italico.

(ˢ) Vide *Dissertações Chronologicas e Criticas* etc. Tomo 2.º, pag. 206, Pelo eruditissimo e profundo critico João Pedro Ribeiro, Conego Doutoral da Sé do Porto, etc.

*

(3.)

Fr. Heitor Pinto, natural da Villa da Covilhã (§), professo no habito de S. Jeronimo, respeitavel pelas suas letras, e modêlo da fidelidade portugueza no tempo de Filippe 2.º o *Prudente*, de Castella, e o 1.º de Portugal, o qual veio a morrer, não sem suspeita de veneno, a 19 de Agosto de 1584 em Castella, no Mosteiro da sua Ordem, em Guadalupe, observa em um dos seus Dialogos, que forão, e serão sempre estimadissimos, e como taes reimpressos muitas vezes e traduzidos em varias linguas, o que agora passâmos a transcrever: « Que este Mosteiro pela sua pasmosa elevação parece mais proprio de ninho de aguias, do que habitação de Monges. » Vide tambem o que dizem, sobre este Mosteiro da Pena, Duarte Nunes de Leão, Luiz Mendes de Vasconcellos, o Padre Antonio Carvalho da Costa, George Cardozo, Fr. José de Siguenca, Fr. Gabriel de Talaveira, Manoel de Faria e Souza, o Padre Alvaro Lobo, Fr. Agostinho de Santa Maria, e outros.

(4.)

Pelos annos de 1372, por D. Henrique Manoel de Villena (e não por ElRei D. Affonso Henriques, como erradamente é tradição geral), Conde de Cea, e Cintra (⊙), Tio d'ElRei D. Fernan-

(§) Fundada pelo Conde Julião, pelos annos da éra vulgar 690, e aonde lhe nasceo sua filha Florinda (nome proprio á sua belleza), fatal formosura, poderoso incentivo de amor, em que se abrazou o Rei D. Rodrigo, occasionando os ultimos estragos á Monarchia Goda, a qual em Hespanha no decurso de 300 annos mereceo, pelo seu valor, credito e respeito. Cava lhe chamárão os Mouros, que significa voz de infamia, e traição. Finalmente os moradores desta povoação lhe puzerão o nome de *Cava Juliani*, que depois se corrompeo, em Covilhã, até hoje.

(⊙) D. João 1.º desejoso de ganhar a Villa de Cintra, que seguia o partido de Castella, pela morte d'ElRei D.

do 1.º, o *Formoso*, e tambem o *Prodigo* e *Remisso* (+), por parte da Rainha D. Constança Manoel, sua mãi, que era filha de D. João Manoel, Principe de Villena e Senhor de Penafiel, filho do Infante D. Manoel, Senhor de Escalona e Agreda, neto d'ElRei D. Fernando 3.º o *Santo* de Castella.

(5.)

O infeliz, quanto digno, D. Pedro, Infante de Portugal, Duque de Coimbra (*), filho 2.º dos Reis D. João 1.º, e de D. Philippa de Alancastro (::) (de quem o vulgo ainda hoje em dia diz que

---

Fernando 1.º de Portugal, no anno de 1383, não só fez grandes mercês ao referido Conde D. Henrique, que tinha o Castello por parte da Rainha D. Leonor Telles de Menezes (a qual morreo desterrada, presa, e aborrecida em Torresilha no anno de 1386, a 27 de Abril, e jáz no Mosteiro de Nossa Senhora da Mercê na Cidade de Valhadolid); mas aos seus moradores.

(+) Porque teve todas estas partes em excesso. Creou, no anno de 1382, dous grandes cargos, que forão o de Condestavel, que o deu a D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayolos, Senhor do Cadaval, e outras terras, e Alcaide mór de Lisboa, irmão da infeliz Rainha D. Ignez de Castro; e o de Mariscal, que conferio a Gonçalo Vasques de Azevedo, Senhor da Lourinhã, e Alcaide mór de Torres Novas. Um Historiador retratou este Rei em poucas palavras dizendo: que foi um Rei mediocre com discrição, e homem fraco com esforço.

(*) O primeiro Duque que houve em Portugal. Duques, no tempo dos Romanos erão os capitaens geraes dos exercitos, derivando-se este nome da palavra *Dux*, que quer dizer guia do exercito. Os primeiros que inventarão esta dignidade em Italia, forão os Lombardos.

(::) Que era filha de João de Gante, Duque de Alancastro, filho de Eduardo 3.º, Rei de Inglaterra. Esta Rainha educou a seus filhos não só em bons costumes, e com applicação ás armas, mas ás letras. Desde o seu tem-

corrêra as 7 partidas do mundo), sendo Regente do Reino na menoridade de seu sobrinho ElRei D. Affonso 5.º, foi que introduzio chamarem-se os Reis de Portugal por *Alteza*, que até seu tempo o maior titulo que se lhes tributava era o de *Senhoria*. Ordenou tambem, que comessem em publico servidos, e assistidos dos Officiaes da Casa Real, e ensinou a tocar o Laúde por pontos, do mesmo modo que o celebre *Guido Aretino*, reduzio a Musica ao estado presente das seis vozes; de cujo Author havia um manuscripto, que a Rainha Christina, de Suecia, enviára a ElRei D. João 4.º o *Restaurador*, no principio do seu reinado, o qual se guardava entre outros Manuscriptos de notavel estimação, e compostos pelos mais peritos Authores das Nações Portugueza, Castelhana, Italiana, Franceza, Ingleza, Alemã, e Hollandeza, em 40 caixões, que estavão no Thesouro da Casa Real. O referido Infante D. Pedro foi quem mandou edificar o Paço, chamado dos *Estáos*, no Rocio, a fim de que ElRei podesse alojar alí a sua Côrte, e tambem para nelle se aposentarem os Embaixadores, e Ministros Estrangeiros. Uma das liberdades que o Regente, em nome d'ElRei D. Affonso 5.º, concedeo ao povo de Lisboa, foi para que nesta Cidade não houvesse aposentadorias. Por este beneficio quizerão os Cidadãos erigir-lhe uma estatua de marmore sobre os mesmos *Estáos*, que elle fizera levantar, e perguntando-lhe com que forma, e postura queria que se fabricasse, elle com rosto tristonho: « *amigos* (disse o experimentado Infante) *se a minha imagem aqui estiver, ainda virão dias, que em gallardão desta mercê, que me agradeceis, e de outras muitas*

---

po começou o Paço a experimentar diverso estilo não só no trato das Pessoas Reaes, porém ainda na urbanidade, e linguagem.

que espero fazer-vos, vossos filhos a derrubarão, e com pedras lhe quebrarão os olhos.» Assim lhes prohibio fatidicamente similhante empreza. Morreo aleivosamente, atravessado pelo coração de uma sétta, no sitio a que chamão da Alfarrobeira (§), junto á Villa de Alverca, a 20 de Maio de 1449, com 56 annos de idade; e assim se lhes pagárão os desvelos com que governou o Reino por espaço de 10 annos, e os cuidados que teve da infancia do sobrinho. Jáz no Real Convento de Nossa Senhora da Victoria, no logar da Batalha.

(6.)

Vimos um papel escripto naquelle tempo, em que succintamente se relata o modo, desde que se levantava ElRei D. Manoel, como fallava, e como assistia á Missa; e a ceremonia e apparato da mesa, e formalidades da sua Côrte. Em tudo se distinguia na grandeza; e para demonstração do referido contaremos sómente agora qual era o seu sequito nas caçadas, cujo constava do seu Estribeiro mór, Caçador mór (nas caçadas pertencia a este o governo das liteiras, sem dependencia do Estribeiro mór; dava a ElRei a luva, e punha-lhe o Falcão na mão, e hia a seu lado), Couteiro mór, Capellão, Fysico, Pagens, da lança, e mala, Carregadores, Monteiros, todos vestidos de panno de côr verde, um Creado com o arcabuz, e outro com a bésta (**), Falcoeiros com seus falcoẽns, e ou-

---

(§) Neste logar foi achada, não ha muitos annos, uma moeda de ouro a que chamavão *Peças* (Andão na Carta do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, liv. 2.º, pag. 16. Em tempo d'ElRei D. João 2.º se desfizerão), que corria no tempo da Regencia do dito Infante D. Pedro, e a qual obtivemos para a nossa collecção.

(**) Bésta, instrumento de guerra que servia para despedir settas com admiravel violencia, e menos descommodo;

tros passaros da caça de altaneria, e Menestreis com trompas. Entre todos os divertimentos o que mais prezou foi o da caça (com preferencia aos Momos, e Serões), e entre esta a da altaneria, que conservou com uma larga despeza; e na verdade, que ella é verdadeiramente de Principes.

(7.)

Antes de partir nesta segunda expedição, no dia 30 de Janeiro de 1502, foi ElRei D. Manoel, acompanhado da sua Côrte, á Cathedral de Lisboa; e tendo dado fim as ceremonias da Igreja, acabou este acto com uma demonstração da sua grandeza, fazendo uma solemne falla, em que, mencionando os merecimentos e serviços de D. Vasco da Gama (já Conde da Vidigueira), o creou Almirante dos mares da India, Persia, Arabia, e de todo o Oriente; no qual acto lhe entregou o estandarte do cargo que lhe conferia (por tão nobre modo teve nelle principio o titulo de Almirante (§§) da India etc., e que hoje conservão ainda seus descendentes); sendo depois D. Vasco da Gama acompanhado de todos os Principaes Senhores da Côrte, e Fidalgos que estavão presentes, até á praia, chamada da Ribeira, onde embarcou; e partio da barra de Lisboa em 10 de Fevereiro do anno, acima referido, de 1502.

(8.)

No corredor do Claustro se acha em uma co-

---

depois servio para matar passaros com ballas de barro, e hoje está em total desuso, e até mesmo desconhecido do maior numero de pessoas.

(§§) ElRei D. Affonso 1.º creou em Portugal, no anno de 1184, a dignidade de Almirante do mar Lusitano, que a deu a D. Fuas Roupinho, heroe daquella idade. Anda na Casa dos Castros, Condes de Rezende. Almirante é palavra Arabica, que significa aquelle, que tem jurisdicção, e imperio sobre a gente do mar etc.

lumna, que corresponde á porta do Capitulo, gravada em caracter antigo e com abbreviatura, uma Inscripção, que diz o seguinte:

Por alma delRey D. João III. que sancta gloria aja, se diz para sempre em este mosteiro hũa Missa cada semana, & por a Rainha D. Catharina sua mulher se diz outra, & outra por elRey D. Sebastião seu Neto, nosso Senhor, cuja vida esperamos, a qual Deos por sua piedade lhe dará (×), *&. assim sua gloria. E depois esta Missa se dirá sempre por elRey, que em este reino de Portugal reinar.*
1559.

(×) Quando os Sebastianistas chegão a estas *palavras*, que são as que fazem toda a força para darem vivo ElRei D. Sebastião, pergunte-se-lhes, se naquelle anno de 1559, em que a letra se esculpio, se poderião sustentar as esperanças da sua vida, e dirigir a Deos rogativas sobre ella, sendo elle, como então era, de pouco mais de 5 annos de idade? (Nasceo em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554) Vide *Carta em resposta de certo amigo da Cidade de Lisboa a outro da Villa de Santarem* etc., pag. 81. Anno 1808.

Um pouco abaixo.

E todo o sobredito em rotolo acima mandou dizer, & instituio o primeiro Bispo de Leiria D. Bras de Barros (†), *frade desta Ordem, & professo desta casa, que aqui jáz. E outras tres mandou dizer por si, & por as pessoas contheudas em a instituição; & assi serão seis cada semana para sempre. E deixou a esta casa por hum padrão de juro vinte mil reis cada anno. E alem do sobreditto, se dizem mais em esta casa para sempre outras seis Missas cada semana por a alma do ditto Bispo, que lhe deixou em cada hũ anno outros vinte mil reis de juro.* 1559.

(†) Quando, a instancias d'ElRei D. João 3.º, se erigio a Matriz de Leiria em Cathedral, por Bulla do Papa Paulo III, dada em Roma a 11 de Junho de 1545. (Vide na Torre do Tombo, no 2.º bullar. fol. 247); e foi seu 1.º Bispo, D. Fr. Braz de Barros (natural de Braga, filho de Valentim de Barros, Morgado d'Amoreira, e parente de João de Barros, e de Gaspar Barreiros), da Ordem de S. Jeronimo, que tinha sido Reformador dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho. No anno de 1550 renunciou o Bispado, e se recolheo ao canto de uma limitada cella da Pena, onde veio a fallecer aos 31 de Março de 1559. O Cardeal Infante D. Henrique, que o amava cordealmente, sabendo a triste nova de sua morte, se partio logo a suas exequias, e entêrro. Jáz no lumiar da Casa do Capitulo, em sepultura raza, com este brevissimo epitaphio, que elle mesmo mandou esculpir em vida:

F. Bras de Barros, primeiro Bispo de Leiria.

O carcere do Mosteiro ficava no corredor do claustro baixo. Tinha 10 palmos de largo, e 15 de comprido, com uma estreita fresta na parede, que lhe dava alguma claridade; a um dos lados havia um banco de pedra, e no meio do vão estava, no pavimento, um annel de ferro; as paredes erão caiádas, e nellas ainda se observão muitas inscripções romanticas, sentenças, maximas, e queixas, feitas com algum instrumento agudo; porém de todas a mais notavel é a seguinte:

Adeos convento ingrato, a Deos tiranno
cruel executor do meu triste fado,
de ti fujo hoje, hindo expulsado,
goza-te do teu rigor sempre ufano,
não sejas traidor infiel, desumano;
trata a teus Monges com outro agrado,
á nenhum dês o pago que a mim tens dado,
fica-te muito embora com teu engano.
Deos! que ja tenho valor de subejo
para esquecer esperanças de algum dia,
ja de ti nada queiro, nem tambem desejo,
mas o! enganadora leve fantazia
que só de Jeronimo preso me vejo,
quando cuidava nesta expulsão lhe fugia.

As paredes deste claustro são forradas de bons azulejos, em alto-relevo. Na Igreja de Santo André de Lisboa (que é das mais antigas da Cidade), a Capella da invocação de Nossa Senhora da Vida, é azulejada de um tal azulejo que tem o nome de ser singular, o qual foi presente do Papa Martinho IV a ElRei D. Diniz pelos annos de 1283. (9.)

As quaes, bem como a janella do Côro, tiverão na sua primitiva, vidraças, que mostravão uma especie de illuminação, ou pintura de vivas e finis-

simas côres (*), obra de Mestre *João* (℘), em que se vião representados alguns passos da vida de S. Jeronimo, Escudos com as quinas Portuguezas, emblemas, divisas e letras imitando troncos de arvores, que vinhão a dizer *Emmanuel I.º*, á maneira do que ainda hoje se observa no grandioso Convento, no logar da Batalha, e na Igreja de N.ª S.ª da *Boa Nova* (⁎), cujo Templo é mui forte, e em forma de Castello, todo cercado de ameias de pedraria; e pela parte de dentro representa uma Cruz perfeita.

(10.)

Onde está collocada outra Imagem de N.ª S.ª, tambem com o titulo da Pena (dadiva d'ElRei D. Manoel), de alabastro, feita pelo Esculptor e Architecto Florentino, *André Contucci Sansovino* (já citado), o qual fez igualmente um bellissimo S. Marcos Evangelista, de marmore, e modelou em barro a batalha da tomada da Praça de Arzila por D. Affonso 5.º, o *Affricano*, em 1471, terrivel pelos movimentos dos cavallos, estrago de mortos, e furia de Soldados; estes dous objectos se conservárão nos Paços do Castello de Lisboa, chamados da Alcaçova (‘,), até ao terremoto de 1755.

(*) Diz-se commumente que a epocha da perfeição deste trabalho foi no comêço do 15.º Seculo, e que um pintor de Marselha fóra, se não o inventor, o artifice que o levára ao maior apuro e delicadeza.

(℘) O qual apparece n'um documento do anno de 1489, e n'outros até o anno de 1528 (em que se vê ter de proximo fallecido), ora com a denominação de *Vidraceiro*, ora com a de *Vidreiro*, do Convento da Batalha.

(⁎) Que fundou a Rainha D. Maria, (mulher d'ElRei D. Affonso XI., o *Justiceiro*, de Castella, e Leão, o qual se recebeo no anno de 1328, e filha d'ElRei D. Affonso 4.º o *Bravo*, de Portugal), na descida da Villa de Terena, no Arcebispado de Evora.

(,‘) Palavra que os Mouros deixárão em Hespanha,

(11.)

Na Torre do Tombo, na Casa da Corôa gaveta 16, masso 2.º, se acha o Testamento da Rainha D. Maria *Castelhana*, 2.ª mulher d'ElRei D. Manoel, feito em Lisboa a 26 de Julho de 1516, em o qual estão duas verbas, cujas passâmos a transcrever com a mesma orthographia, e dizem o seguinte: « *Item mando que se faça una Coroa de oro para la Imagem de Nossa Senhora da Pena e que se pónga en ela aljofar do que está em minha Camara que seja bom, e otra d'esta manera para o menino, de los que tiengo prometido. Item mando que o meu ornamiento de minha Capela de carmezim que se lè pónga as armas de Lope de Baldinaço em cada peça que non os tiene ha de ser ornamento cazula e capa e almaticas e frontales.* » A'vista do primeiro documento ha alguns Escriptores, que dizem que estas Corôas forão dadivas de D. Manoel, e feitas, como a Custodia do Mosteiro de Belem, do primeiro ouro que veio da India; porém não podemos deixar de dizer que taes Authores escrevêrão com pouca lição dos monumentos e escripturas antigas, não seguindo mais luz, que a das tradições falsas, ou viciadas pelo ignorante vulgo.

(12.)

Discipulo de *Balthazar Peruzzi*, e dotado de superior talento. Conheceu perfeitamente a anathomia, cuja expressão distinguia admiravelmente as suas obras. Seguio a invenção de *Duccio* de Boninzegna, da Escola *Senense*, de ornar com marmores de diversas côres as suas composições (†). Sabendo

com que significão o Castello. ElRei D. Diniz, no seu testamento feito em Lisboa a 20 de Junho da éra de 1360, lhe chama *Torre de Alvarram do meu Alcaçar de Lisboa.* Vide, na Torre do Tombo, o Livro dos Reis, pag. 104.

(†) O claro-escuro produz nos marmores a mesma illusão, que costumão produzir as côres sobre o panno.

Nicoláo Romano o apreço que prestava ás Artes El-Rei D. João 3.º de Portugal (::), lhe enviou, pelos annos de 1529, de Florença, uma primorosa Imagem de Nossa Senhora, feita em alabastro, a fim de Sua Alteza vêr o quanto elle era perito na Arte Estatuaria (*); a qual recebeo, e admirou o dito Rei, e depois a mandou collocar no Mosteiro da Pena, no Altar que estava na Casa do Capitulo, no corredor do Claustro baixo, aonde se conservou até o anno de 1834. Quando D. João 3.º determinou fazer construir o retabolo na Capella mór da Igreja do Mosteiro da Pena da Serra de Cintra, mandou vir o dito Artista para esse effeito, e logo que chegou, tratou de lhe dar comêço, e gastou 26 annos neste artefacto. Jáz o sobredito *Nicoláo* Romano no pavimento da, já referida, Casa do Capitulo da Pena, assim como o exclarecido varão Fr. Braz de Oliveira, frade da Ordem, e professo desta Casa, que falleceo em 1570 (§).

(13.)

Cujo nome lhe foi posto em memoria d'ElRei seu avô; e porque nasceo mui debil, logo o baptisárão; e a 10 do mesmo mez de Novembro, e anno de 1531 em que nasceo, se fez a ceremonia de

---

(::) Foi affeiçoado a todas as Artes; e de tão feliz memoria, que excedeo a muitos, e competio com os mais famosos da antiguidade, como se vio na Universidade de Coimbra, onde depois de haver lido uma só vez, os nomes dos Estudantes d'alí em diante repetia todos, sendo elles tantos, e os appellidos com grandissima differença.

(*) Na Real Galeria, no Palacio velho, de *Pitti*, em Firenze, ha estatuas obradas por elle; e tambem na Capella do *Principe* em S. Lourenço; onde igualmente existem duas, que representão o Crepusculo, de M. A. Buonarotti.

(§) Vide *In* 4.º, *Ferculo*, *Ord. S. Hieron.* Por Fr. Diogo de Jesu.

lhe porém os Santos Oleos por mão do Bispo de Lamego, D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, Capellão mór. A pessoa do Principe hia nos braços do Infante D. Luiz, e as peças para servirem naquelle Acto, erão conduzidas, o Saleiro pelo Infante D. Fernando, a offerta do Cirio pelo Duque de Barcellos D. Theodosio, e a fogaça pelo Conde de Tentugal, primeiro Marquez de Ferreira, D. Rodrigo de Mello. Depois, juntos em Côrtes os tres Estados do Reino na Cidade de Evora, onde ElRei assistia com toda a Côrte, em 13 de Junho do anno de 1535 foi jurado Principe herdeiro do Reino. Morreo em Evora a 13 de Abril de 1537. Jáz no Real Mosteiro de Belem, na Capella do lado da Epistola, no mesmo tumulo, com seu irmão o Principe D. João, Pai d'ElRei D. Sebastião (⋈).

(14.)

O qual foi fundado por D. Alvaro de Castro (**), a rogos e recommendação de seu illustre Pai, o Grande D. João de Castro, 4.º Vice-Rei da India (*), e que o doou aos Religiosos de S. Pedro de Alcantara. Este Convento e todas as suas Officinas, é

(⋈) Vide nossa *Descripção do Real Mosteiro de Belem* etc. pag. 25. Anno de 1840.

(**) D. Ruy Fernandes de Castro, rico homem d'ElRei D. Affonso 7.º, chamado o *Imperador*, foi o primeiro, que usou do appelido de *Castro*, que tomou da Villa de Castro Xeres, de que foi Senhor, e tinha por ascendentes os celebrados Juizes de Castella *Lain Calvo*, e *Nuno Rasura*. D. Pedro Fernandes de Castro, chamado em Castella, o da *Guerra*, foi o primeiro que veio a Portugal em tempo d'ElRei D. Affonso 4.º, e principiou nelle a Casa dos Castros.

(*) Vide Vida de D. João de Castro, 4.º Viso Rei da India, Liv. 4.º Escripta por Jacinto Freire de Andrade, Abbade de Santa Maria das Chans; o qual jáz na Igreja de Santa Justa e Rufina de Lisboa.

obra praticada por meio de córtes e escavações em uma rocha (§), sendo as cellas tão pequenas, e estreitas, que se não pode entrar nellas senão de lado; e tudo mais á preporção. Para darmos uma pequena idea da sua pobreza, e simplicidade dos ornamentos delle, citaremos as seguintes linhas de um Poeta (ʍ) Catholico de Inglaterra:

Não adornávão este humilde templo
De vão, — erguido tecto
Ricas molduras de reliquias sanctas:

(15.)

No anno de 1636 hindo ao Mosteiro da Pena um Presbytero Romano, e achando os seus Monges medrosos e lastimados por causa de um raio que alí havia cahido, quando se retirou lhes deixou uns versos latinos (::), que os Monges fizerão gravar na pedra do campanario do mesmo Mosteiro. El-Rei D João 4.º mandou depois trasladar estes versos, e os fez esculpir em uma pedra, que foi collocada nas aguas furtadas da nova abobada de seus grandiosos Paços, da Serenissima Casa de Bragança (situados na Freguezia de N.ª S.ª dos Martyres, hoje denominados, *Thesouro Velho*), que pelo terremoto de 1755 ficárão em completa ruina, perdendo-se nelles as mais importantes e preciosas alfaias (*), que os Monarchas Portuguezes alí conservavão; assim como o Cartorio da mesma Serenissima

(§) Imitando o estilo Egypcio, que era escavando na rocha solida, inculcando a pratica de um povo, que morava em cavernas abertas nas encostas de fraguedos e outeiros, antes que a arte de fazer casas estivesse em uso.

(ʍ) Jerningham's Venitian Marriage.

(::) Vide *Agiologico Lusitano*. Tomo 2.º pag. 479, pelo Licenciado George Cardozo.

(*) Entre ellas havia um grande sceptro, e uma Corôa

Casa, resultando não só grave prejuizo, com a extincção de muitos papeis interessantes, á Historia Portugueza, mas tambem enorme lesão para o patrimonio dos Principes herdeiros, por terem desapparecido titulos e documentos.

(16.)

O raio cahe muitas vezes sobre as torres e campanarios, tanto pela elevação, como porque de ordinario teem remates de metal, e estes attrahem a materia electrica, e são os melhores conductores. No mesmo caso estão as arvores; o que deve servir de advertencia á gente do campo para abandonarem o perigoso costume de se refugiarem debaixo dellas em occasiões de trovoada; porque o fluido electrico, attrahido pela elevada ramagem das arvores, dará morte áquelles, que forem alí buscar abrigo. Neste Edificio da Pena se devem collocar Conductores, ou Guarda-raios; invenção do genio e do saber de *Benjamin Franklin*, nascido em Boston em 1706 (filho de um simples fabricante de sabão), cujo nome deve ser posto entre os dos maiores bemfeitores do genero humano. Morreo em 17 de Abril de 1790 com 84 annos de idade. O seguinte verso do Ministro Francez, *Turgot*, para ser escripto sob o retrato de *Franklin*, caracterisa mui bem este grande homem:

---

magnifica, que mandára lavrar ElRei D. Diniz do ouro, que se recolhia da lavagem das areias do Téjo, entre Almada e Cesimbra, e bem assim das mesmas lavagens outro Sceptro de ouro, mandado lavrar por D. João 3.º, e uma pedra, a que os Naturalistas chamão A'gata, em a qual se observava, em seus veios naturaes, uma Imagem de N.ª S.ª com um menino ao collo, que Francisco Barreto, sendo o XVIII. Governador da India, mandára á Rainha D. Catharina, que se conservava entre as joias das Senhoras Rainhas. Vide *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade. Por Matheus Pinheiro. 1629. 4.º

Eripuit cœlo fulmen, sceptrumque tyrannis.
Roubou ao Ceo o raio, e o sceptro aos tyrannos.

(17.)

O qual, no dia 10 de Maio de 1743, sem precederem alguns symptomas de queixa, repentinamente foi insultado de um terrivel accidente de paralysia, que lhe inutilisou o braço, perna, e todo o lado esquerdo. Neste estado, paralytico, ainda viveo 8 annos, cujo tempo quasi empregou todo em dispender grossas sommas com edificações, e reedificações de Templos para se purificar da vida passada. Morreo na Cidade de Lisboa em 31 de Julho de 1750, com 60 annos, 9 mezes, e 9 dias de idade, e de reinado 43. Retirados o novo Rei (D. José), e mais Infantes da Camara em que fallecêra S. Magestade, o Ex.^{mo} Conde de Unhão, Gentil-homem da Camara, que estava de semana, se recolheo com os Cirurgiões que devião embalsamar o Real Cadaver, que erão Pedro de Arvelos, Antonio Soares, e Manoel Vieira, fidelissimo creado, que por mais de 40 annos assistíra a S. Magestade, em quanto gozou saude, e depois na sua enfermidade observou-se que não havia lesão nas partes interiores e principaes dos intestinos. Achou-se, que o coração era de grandeza extraordinaria (†), e similhante ou maior grandeza se ad-

(†) Em 1199, por morte de Ricardo 1.º o *Coração de Leão*, Rei da Gram Bretanhã, e Duque de Aquitania, se achou que o seu coração era de um tamanho singular, como referimos em a Nota 1.ª, a pag.V, da nossa *Carta a Salustio* etc. Parece-nos com tudo a proposito mencionar neste logar a seguinte noticia curiosa. Em 31 de Julho deste anno, descobrio-se, debaixo do pavimento do Sanctuario da Basilica de S. Pedro em Roma, ao lado esquerdo do Altar, e no mesmo sitio que occupava o tumulo de Ricardo o *Coração de Leão* (até ao anno de 1562, em que os Calvi-

mirou no cerebro, porque excedia ao commum dos outros homens; mas o que pareceo mais extranho, foi a grossura e fortaleza do casco, sem duvida a maior, que se vio, ou se achára nas observações anatomicas. Tanto no cerebro, como no ventre vagava um licor morboso em tanta quantidade, que então se conheceo acabára S. Magestade de uma hydropisia no ventre, porém não totalmente consummada (**). Jáz no Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra.

(18.)

Antigamente houve alí, por estas occasiões, Bodos, Torneos (§), jogos de cannas, e corridas

---

nistas inutilisarão alí 7 sepulchros), a caixa que contém o coração daquelle duque de Normandia, e a estatua que adornava o seu sarcophago, a qual se encontrou perfeitamente conservada, e tem 6 pés e meio de largo, representando Ricardo estendido sobre a campa, com os pés apoiados em um Leão deitado.

(**) Vide Relação da Enfermidade, ultimas acções, morte, e sepultura do Muito Alto, e Poderoso Rei e Senhor D. João 5.º, pag. 31. Pelo D. J. B. M. D. P. A. A. R. Lisboa, na Officina de Ignacio Rodrigues. Anno de M. D. CCL.

(§) Quantos escudos, esmaltes, e peças de honra ha no Brazão (.) e leis da Armaria, alludem, e representão as marcas, e insignias com que os Cavalleiros sahião aos Torneos, d'onde trazem a sua origem todas as sortes de Armas; por isso Luiz de Camões disse nos Lus. Cant. VI, Est. LII:

D'armas, e roupas.....
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil côres.

(.) A origem do Brazão provém da palavra Alemãa *Blasen*, que significava o Clarim, que se usava nos Torneos, e delles nasceo a Armaria em Alemanha. Vide *Tratado das Armas da Casa de Saxonia*. Por Mr. Spenero.

de touros, onde os nossos bons Cavalleiros hião ostentar a sua galhardia, como a de um Alexandre em mandar os cavallos, e a de Theseo em domar os touros. A valentia lhes inspirava os arrôjos, e a destreza lhes conseguia os acertos. Isto se vio em o Duque de Cadaval, Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal, D. Jaime, no anno de 1720.

(19.)

O Director desta Regia Obra tem sido o Sr. Guilherme, Barão de Eschwege, Coronel do Corpo de Engenheiros, e Substituto de Effectivo na Classe de Sciencias Naturaes na Academia Real das Sciencias, Membro do Conservatorio Real de Lisboa, que foi Intendente Geral das Minas e Metaes do Reino, e Author de varias Obras literarias. Louvor seja tributado a Sua S.ª pela pericia e zêlo com que tem desempenhado esta direcção.

(20.)

Alí se achão empregadas umas columnas, arcos, com suas bases e capiteis, de delicados lavores, de antigo cinzel (imitando o oriental), que erão de tres janellas do Mosteiro de Penha-longa (o qual teve principio, pelos annos de 1355, por Fr. Vasco Martins), que no dito Mosteiro mandára fazer, em 1552, *Pompeo Zambicario*, Arcebispo de Sulmona, que então era Nuncio, neste Reino, de Julio III., dos quaes objectos, referidos, fez presente no anno de 1839 a S. M., ElRei, o Ex.mo Marquez de Saldanha, hoje possuidor do Mosteiro.

(21.)

O interior desta regia estancia é ornado de moveis ao gosto do 16.º seculo (*). Sir Walter-Scott,

(*) O trajo militar daquelle seculo era parte de armadura de ferro, principalmente o elmo, a coiraça com braçaes e coxótes, e o fraldão; mas já raros Cavalleiros trazião as grevas e escarcellas; e essas mesmas peças, que vestião, erão mais ligeiras e desaffrontadas. A lança, espada, e a

edificou em Abbotsford, na Escossia, um palacio (ʍ) á maneira dos antigos Castellos feudaes, flanqueado de torres e ameias, mistura curiosa de todos os generos de Architectura. Cada aposento é alí arranjado, em construcção e em moveis, segundo o gosto de uma epocha particular: lá se admira uma vasta e riquissima Bibliotheca; um gabinete de todos os productos raros dos 3 reinos da natureza; uma sala de armaduras dos tempos remotos, e de curiosas antiguidades de toda a especie. Tambem no Paço de *Ehrenburg*, na Cidade de Coburgo, onde o actual Duque reinante tem feito consideraveis melhoramentos, ha Livraria, Gabinete de Historia natural, outro de medalhas e pinturas, e outro de armas antigas.

(22.)

A Senhora D. Maria 2.ª, querendo fazer florescer e prosperar em seu Reinado as Sciencias e as Artes, creou, em 25 de Outubro de 1836, a *Academia das Bellas Artes de Lisboa* (**) no Convento de S. Francisco da Cidade (§§), e o *Conservatorio*

---

darga (..) erão ainda as unicas armas dos de jinete. Os de pé erão pela maior parte armados de casco ou morrião de ferro na cabeça, e cota de malha, ou peito de aço; mas sem espaldar. A espada e arcabuz erão as suas armas, e em combate trazião uma especie de forquilha para o sustentar nas pontarias.

(ʍ) Onde falleceo a 21 de Setembro de 1832.

(**) Sendo ministro e secretario d'estado dos negocios do reino Manoel da Silva Passos.

(§§) Fundado por S. Fr. Zacharias em 1217, no logar onde foi cercada, e tomada Lisboa aos Mouros, á força de armas, no dia 21 de Outubro de 1147, pelos Inglezes, Alemães e Francezes. Vide a Carta Latina, que Arnulfo escreveo, no anno de 1147, a *Milon*, Bispo de Terona em França, a qual se acha inserta na Collecção de *Martene*,

---

(..) Escudo oval de couro com braçadeiras.

Geral da Arte Dramatica (§§), em 15 de Novembro de 1836, na Casa de N.ª S.ª da Divina Providencia (*). Em 13 de Janeiro de 1840 os Membros do dito *Conservatorio* pedírão respeitosamente a ElRei o Senhor D. Fernando 2.º, se dignasse Fazer-lhes a Honra e Mercê de acceitar a Presidencia Honoraria deste Instituto; ao que S. Magestade respondeo:

« *Agradeço muito o favor que me faz o Conservatorio, e o Acceito com muito gosto. Eu Heide fazer tudo quanto estiver da Minha parte para fomentar um Estabelecimento tão util, e que tanto promette á Literatura, e as Bellas Artes.* »

(23.)

Muitos monumentos antigos teem tido esta sorte em Portugal, desde o anno de 1834, por um *firman* desses nossos Licurgos modernos (»), como v. g. a Igreja Parochial de S. Martinho de Lisboa, fundada em 1168, que foi Capella Real, e jazigo dos Condes de Villa Nova de Portimão, e de outros Varões Grandes em sangue, letras, e armas. João Fernandes de Andeiro (§) Fidalgo Gallego de Nação, e Conde de Ourem em Portugal, apunha-

---

e *Durand*, Monges Benedictinos de S. Mauro. Tomo 1.º *Veterum monumento*, a pag. 800, impressa em París em 1724.

(§§) O qual, por decreto de 4 de Julho de 1840, passou a denominar-se: *O Conservatorio Real de Lisboa*, gozando de todas as honras, e preeminencias, que nestes Reinos são dadas ás Academias Reaes.

(*) Fundada pelo Padre D. Antonio *Ardizone*, em 1650, de que foi Architecto *D. Guarini* de Modena, Padre Theatino. Vide *Collecção* de *Memorias*, etc., Parte 2.ª, pag. 162. Por Cyrillo Volkmar Machado.

(») Vide *Cintra Pinturesca*, pag. 37.

(§) Era eloquente, prendado, tinha visto Reinos extranhos, e era Extrangeiro, pelo que tudo se fazia agra-

lado no Paço pelo Mestre de Aviz D. João (e Rui Pereira lhe deu outro golpe, e o lançou morto por terra) no dia 6 de Dezembro de 1383 (§), tambem alí jázia no Carneiro. A de S. Thomé, que era de remotissima antiguidade, da qual Igreja, e seu Padroado ElRei D. Diniz com a Rainha D. Isabel *Aragonenza*, fizerão doação ao Mosteiro de Alcobaça, pelos annos de 1320. A Porta do *Condestavel*, ou postigo do Carmo, a que chamavão *Postigo* de *S. Roque*, e outros. Para edificar, e construir, é necessario artifice, e arte; para demolir o que os outros construírão, não é necessario arte, nem artifice.

FIM DAS NOTAS.

---

davel á Rainha D. Leonor Telles de Menezes a sua conversação, mais do que a de todos, e se em algum favor que lhe fez pareceo leviana, foi aos olhos da Nação Portugueza, que naquelles tempos (no 14.º Seculo) não distinguia a affabilidade da lascivia, e julgava partos desta, tudo o que em mulher era mesmo caridade notoria.

(§) Que ainda se contava pela Era de Cesar. 1421. No dia 22 de Agosto, da Era de Cesar 1460, sahio ElRei D. João 1.º de Portugal com uma memoravel Lei (Vide Ordenação velha, Liv. 4.º, tit. 51) mandando, que em todos os Estados da sua Corôa, se fizesse a conta aos annos, pelo do Nascimento de Christo; e logo se trocou a conta do referido anno de 1460, que então corria segundo a Era de Cesar, no de 1422, por exceder aquella Era á do nascimento 38 annos. Já em Castella, no anno de 1383, se havia feito esta introducção, sendo author della o famoso D. Pedro Tenorio, nascido em Tavira, Cidade do Algarve, Bispo de Coimbra, e depois Arcebispo de Toledo, em que o nomeou, de seu moto proprio, o Papa Gregorio XI. Foi elle um dos Varões mais insignes que produzio Portugal, e admirou Castella. Morreo em 22 de Novembro de 1399. Jáz na Capella de S. Braz, no claustro da Cathedral de Toledo.

91-B17546